

## A organização do trabalho familiar para a convivência com o semi-árido: a experiência da família de Luiz Souza e Eliete



Não se preocupam apenas com a comida dos bichos grandes, Eliete possui uma receita especial para tratar também dos animais de terreiro. Utiliza, por exemplo, os grãos do guandu e do sorgo para alimentar as galinhas. Para os pintinhos, ela inventou uma receita bem forte. Passa na farrageira 15 litros de milho, 10 de guandu ainda na bagem, 5 litros de amendoim também na bagem e 8 quilos de sementes variadas: girassol, jerimum e moringa. Diz ser essa

ração ótima para ajudar no crescimento dos pintinhos durante o verão.

Para a produção de alimentos da família, construíram 3 barragens subterrâneas. Ainda não houve inverno suficiente para encher essas barragens, mas foi delas que comeram um pouquinho de feijão-verde, fava e milho.

A família tem uma consciência muito grande em preservar o ambiente em que vivem. Estão transformando um antigo campo de agave em uma área de mata nativa. Nele, além de conservar a baraúna, juazeiro, feijão-bravo e outras que nascem naturalmente, estão plantando muitas mudas de sabiá, aroeira, angico, cumaru e pau d'arco. É uma alegria sem tamanho poder voltar ouvir o canto dos passarinhos, diz Luiz Souza. Os animais estão voltando para o terreno. Bichos que meus filhos nem conheciam. E poder dividir essa alegria com outras pessoas é um grande sonho da família. Luiz termina assumindo um compromisso; aprendi muitas coisas em visitas de intercâmbio, em cursos, agora é



uma missão, um dever cristão de nossa família partilhar esse conhecimento com outros agricultores e juntos escrever uma nova história, uma história contada pelos agricultores e agricultoras familiares.



## A organização do trabalho familiar para a convivência com o semi-árido: a experiência da família de Luiz Souza e Eliete

Luiz Souza e Eliete moram com sua família no sítio Salgado dos Souza, na região do Curimataú de Solânea, Paraíba. Eles são um exemplo de organização do trabalho familiar. Juntos, eles desenvolvem inúmeras experiências de convivência com a seca, já que na região em que moram, em 2003, completou 5 anos de estiagem.

É de um roçado bastante diversificado que eles tiram o alimento da casa, dos animais, além de zelar pela terra em que moram. Na área do roçado, eles plantam milho, feijão, fava, amendoim, jerimum, melancia, gergelim e girassol. Mas plantam também, no mesmo espaço, o guandu, gliricídia, leucena e sorgo. Essas plantas, além de ajudar a melhorar a terra, servem de alimento para os animais. E para manter a terra sempre forte, a família também conserva aquelas árvores que nascem no terreno como o jucá, feijão-bravo e juazeiro.



A preocupação da família com a ração dos animais é grande, por isso desenvolvem inúmeras experiências. Possuem uma área de palma consorciada, ou seja, plantam a palma com gliricídia, leucena, guandu, abóbora farrageira. E dentro da mesma área, a família decidiu conservar muitas árvores da mata como amorosa, facheiro, cardeiro, feijão-bravo e outras.

A abóbora farrageira ou melancia de cavalo é uma experiência interessante. Luiz conta que no tempo de seu avô, essa planta crescia naturalmente dentro do roçado e era oferecida para os animais sem controle. Mas, com o tempo, ela foi se acabando, da mesma forma como apareceu e o povo deixou de valorizar essa planta. Foi em um encontro realizado em 1999, na casa de um vizinho, seu Alfredo, é que se resgatou novamente o uso dessa planta como ração e desde então a família Souza não deixou mais de plantar e usar.



No riacho que corta o terreno, construíram umas barreiras de pedra para segurar a terra que desce

## A organização do trabalho familiar para a convivência com o semi-árido: a experiência da família de Luiz Souza e Eliete

da enxurrada e também para diminuir a velocidade da água, facilitando desta forma que ela penetre na terra. Nessas áreas e também nas baixadas e no meio dos riachos, plantam o capim gramão para dar de comer aos animais.

Na organização do terreno, a família não perde espaço. Gerson, o filho mais velho do casal, nos conta que plantam 3 tipos diferentes de cercas vivas: de palma de espinho, cardeiro e de imburana e pinhão. Gerson conta que a família tinha uma vizinha que sempre reclamava quando os pintos e as galinhas invadiam seu terreno. Foi quando Luiz conheceu e passou a plantar a palma de espinho na cerca. Conheceu essa qualidade de palma em uma visita ao sítio cacimba da Várzea, de onde trouxe a semente que logo plantou. De crescimento rápido, logo fecharam a cerca que segundo eles segura todos os tipos de bicho.

Para dividir os cercados dos animais e também os limites do terreno, desenvolveram a experiência com o cardeiro. Retiraram os galhos do cardeiro e no pé de uma cerca com 2 fios de arame, plantaram em uma valeta rasa. Gerson acredita ser o cardeiro uma ótima cerca porque depois que planta, ele fica permanente e também pode utilizar até como ração.

Para cercar a área de palma, a família plantou a imburana e o pinhão. Pegaram as estacas do próprio terreno e cinco anos depois, já estão segurando arame. Além de cerca, as folhas de imburana ainda servem como ração.



No terreno, a família desenvolve alguns estudos para melhorar e garantir sempre a ração dos bichos. Um deles é a observação da pastagem nativa. Depois que visitaram o professor Ambrósio Filho, em Sobral, no Ceará, cercaram uma área de aproximadamente 10 metros quadrados que chamaram de área de exclusão ou cercadinho. Nesta área, não entra nenhum animal desde o ano de 2000. Desde então, a família e um conjunto de agricultores e

## A organização do trabalho familiar para a convivência com o semi-árido: a experiência da família de Luiz Souza e Eliete



agricultoras experimentadores vêm observando as plantas que nascem dentro do cercadinho, comparando com aquelas que estão fora daquele espaço, no pasto ao lado.

O principal resultado desse estudo é a infinita qualidade de plantas que nascem naquele espaço reservado. Foi a partir dessas observações que passaram a adotar a prática de dividir o pasto em 2 cercados. Primeiro, deixam os animais em um deles e, após as plantas produzirem suas sementes, mudam os animais para o outro cercado. No ano seguinte, eles invertem. Soltam os animais no segundo cercado e aguardam o primeiro sementar, para só então soltar os animais. Nesses cercados, além do cuidado com as sementes, a família se preocupa com a qualidade das plantas que nascem. Possuem a prática de diminuir algumas plantas para que deixe mais espaço para aquelas que servem como ração.

Mas a família de Luiz Souza e Eliete não se preocupam só em produzir muita ração, preocupam também em guardá-las. Fazem silagem da folha e da ponta da gliricídia, maniçoba, guandu, sorgo, milho e também daquelas plantas que nascem no inverno. Costuma fazer silo tambor, silo buraco e, em 2003, testaram o silo superfície, um silo que aprenderam com o pessoal de Soledade e que aprovaram bastante por ser fácil de fazer e usar.



Aproveitam também os restos do roçado para alimentar os animais. Mas eles utilizam os pés de milho seco, as ramas de fava e do feijão de corda de uma forma diferente, fazem o fenil. Conheceram essa técnica em uma visita de intercâmbio aos agricultores e agricultoras de Nossa Senhora da Glória, em Sergipe. O fenil é um cercado redondo de varas onde o gado pasta aos poucos.

